

FREUD: PESSIMISMO ÉTICO OU APOSTA ILUMINISTA?

Eduardo de Carvalho Martins*

Resumo: Tendo como ponto de partida a irrealização do princípio do prazer afirmada por Freud, procuramos demonstrar como esta constatação freudiana não o impede de formular alternativas éticas que afastam sua disciplina de outras tidas como pessimistas, ao mesmo tempo em que indicam afinidades com teorias consideradas iluministas, positivistas ou racionalistas. O objetivo deste trabalho é demonstrar como Freud parece ter apontado para a dificuldade destas teorias sem abandoná-las por completo. Sua alternativa, no entanto, não deve ser colocada ao lado de posturas iluministas, racionalistas ou positivistas tradicionais, dada a freqüente relativização do alcance de sua proposta. Oscilando entre uma alternativa tida por muitos como pessimista e uma iluminista, Freud representa as dificuldades de conciliação do predomínio da razão diante da constatação do mal estar produzido pelo desenvolvimento da civilização.

Palavras-Chave: Freud, ética, razão, iluminismo.

Abstract: From the complete non accomplishment of the principle of pleasure affirmed by Freud, we have the intention to show how this Freud's verification allow the formulation of ethical alternatives that move away his subject from others understood as pessimist, at the same time indicates likeness with illuminist theories, positivists or rationalists. The goal of this work is to show how Freud seems to have appointed to the difficulty of these theories without quit them. His alternative, however, can't be put together illuminist's postures, rationalists or traditional positives given the relative reaching of his answer. Oscillating between a pessimist and illuminist alternative, Freud represents the difficulties of the

* Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Filosofia e Metodologia das Ciências da Universidade Federal de São Carlos.

agreement of the prevalence of the reason considering the discontents produced by the society civilization.

Keywords: Freud, ethics, reason, illuminism.

O ponto de partida para a indagação acerca do pessimismo ético freudiano ou da suposta aposta iluminista pode ser encontrado em sua afirmação encontrada em *O mal estar na civilização*: “o programa que o princípio do prazer nos impõe, ser feliz, é irrealizável (...) nossa constituição limita nossas possibilidades de felicidade”.¹

Freud reintroduz neste texto a dificuldade de conciliação da constituição humana, regida pelo princípio do prazer, em contraste com as exigências do desenvolvimento civilizatório. Nesta perspectiva, acabamos inserindo esta questão no cerne de qualquer proposta ética que vise encontrar um equilíbrio entre as demandas sociais e individuais.

Podemos visualizar um duplo impedimento ao programa de completa realização do ser humano: o concreto, evidenciado pelas restrições da instauração dos laços culturais, e o constitucional, caracterizado pelo próprio modo de constituição do aparelho psíquico. A impossibilidade de realização do programa do princípio do prazer aproximaria, de certo modo, o panorama psicanalítico a um pessimismo ético?

Primeiramente, é importante ressaltar que Freud não estava preocupado em formular qualquer teoria ética; as afirmações freudianas, de modo geral, são de desinteresse pela temática ética: “o interesse pela ética não me é próximo”.² Porém, apesar de não ter surgido como proposta ética, a psicanálise, dada sua especificidade e seu objeto de estudo (as determinações inconscientes), acaba tendo que repensar e questionar alguns fundamentos morais sobre

¹ Freud, S. *El malestar en la cultura*, p. 83.

² Freud, S. *Correspondance avec le pasteur Pfister 1909-1939*, p. 129.

os quais a sociedade se constrói e, deste modo, se torna por consequência um sistema que fornece diretrizes conceituais para a constituição de sistemas éticos.

Talvez os motivos pelos quais a psicanálise possa servir como base para uma teoria ética possam ser encontrados nos textos em que Freud se refere diretamente à ética como sistema de orientação moral constituído no processo de desenvolvimento civilizatório - às custas das tendências primárias do ser humano. Pois qualquer projeto ético é sempre um projeto que visa “achar um equilíbrio entre demandas individuais e exigências culturais”.³ A finalidade do indivíduo, de completa realização e satisfação pulsional, entendida como obtenção e manutenção da felicidade, depende da sua conciliação com três fatores de sofrimento: o próprio corpo, fonte de dor e angústia, destinado à dissolução, tratado aqui como constitutivo; o mundo físico externo, impiedoso, encarado como realidade externa; e o vínculo com os outros, talvez o mais penoso de todos, tratado aqui como socialização. O vínculo com o outro é visto como penoso porque é responsável pela inibição das “moções primitivas tidas por más pela comunidade humana”.⁴ Uma vez que a ordem do pulsional não possui qualquer direcionamento ético, não reconhece bem ou mal, é somente no percurso de instauração da cultura que os conceitos emergem, e este processo não ocorre pacificamente. Isso faz da eticidade um construto que visa regular as

³ Freud, S. *El malestar en la cultura*, p. 94. Freud não define esta busca de equilíbrio literalmente como a finalidade de um projeto ético; a aproximação dos termos é de nossa responsabilidade. Um dos trechos da obra de Freud que permite esta aproximação é: “Boa parte da briga da humanidade gira em torno de uma tarefa: encontrar um equilíbrio de acordo aos fins, vale dizer, dispensador de felicidade, entre estas demandas individuais e as exigências culturais de massa; e um dos problemas que se ligam ao seu destino é saber se mediante determinada configuração cultural esse equilíbrio pode alcançar-se ou se o conflito é insuperável!” (*Ibidem*).

⁴ Freud, S. *De guerra y muerte*. *Temas de actualidad*, p. 283.

relações humanas e não a expressão de um altruísmo constitutivo. É na regulação dos vínculos recíprocos exercida pela comunidade sobre o indivíduo que se dá a instalação de projetos éticos e ações morais. A compaixão surge neste contexto como uma formação substitutiva de moções pulsionais primitivas originariamente destinadas ao egoísmo e à crueldade. A constituição da eticidade ocorre em função do desenvolvimento dos laços comunitários. Inibem-se as inclinações prejudiciais à comunidade e substituem-se pelas inclinações tidas como boas pela comunidade.

Seria a impossibilidade teórica e prática de um projeto de satisfação pulsional plena um indício do pessimismo freudiano? Estaria ele de fato inserido em uma corrente filosófica pessimista? Estaria Freud postulando a total impossibilidade de realização do ideal de felicidade humano? Quais seriam as consequências das formulações freudianas no plano prático?

Temos alguns motivos para acreditar que Freud não merece ser chamado de pessimista. As alternativas formuladas para se tentar indicar caminhos de resolução para os freqüentes impasses com os quais ele se depara nas situações clínicas e nas análises da cultura evidenciam uma postura de “problematização”, mas indicando sempre algum tipo de ação diante da situação instalada.

O desenvolvimento contínuo da cultura e de suas formas de expressão é encarado como alternativa para a constituição de sistemas mais realistas, menos apoiado em ficções desvinculadas do real. A ciência, neste percurso de desenvolvimento, se constitui como um estágio de maturidade na adequação e transformação da realidade, mais vantajosa do que a adesão a qualquer sistema baseado em ilusões.⁵ O trajeto que tendia ao pessimismo ganha contornos de otimismo. Freud transita da constatação da inevitável insatis-

⁵ A ciência, para Freud, não se ilude porque é passível de correção, ou seja, embora alguns de seus juízos possam estar errados, ela possui a vantagem de não se apegar em ilusões perenes, pois está sempre sujeita a correções e reformulações, ao contrário dos sistemas dogmáticos.

fação humana à aposta na maturidade humana via desenvolvimento racional-científico. Sua posição oscila entre a dúvida acerca do projeto de obtenção de felicidade e a proposição de caminhos para tal obtenção. Analisa ao mesmo tempo as conquistas, mas também as conseqüências indesejáveis do desenvolvimento civilizatório. A tomada de partido, contudo, nunca é categórica. Trata-se de uma aposta baseada na prática clínica, que lida diretamente com os distúrbios decorrentes do desenvolvimento civilizatório e procura saná-los, muito embora esta mesma prática evidencie por vezes sua incapacidade.⁶ Entram em cena o paralelo entre a história da humanidade, história do indivíduo⁷ e os mecanismos de produção de patologias. A história atual da humanidade pode ser encarada como uma fase de desenvolvimento em que ainda predominam os elementos de onipotência do pensamento e fantasia similares aos dos distúrbios patológicos e das fases iniciais do desenvolvimento individual. Assim como os distúrbios neuróticos podem ser conduzidos a uma tomada de contato com seu mecanismo interno de funcionamento e a uma melhor adequação ao princípio de realidade, os mecanismos sociais podem ser reconduzidos, através do direcionamento ético pautado na realidade, a um estágio de maturidade - menos patológico e fantasioso. Por outro lado, dada a constatação dos impedimentos constitucionais à plena satisfação dos desejos de felicidade humanos, a formulação de caminhos de investimento pulsional que atendam ao mesmo tempo ao projeto ético-cultural e às exigências das instâncias psíquicas se torna, no mínimo, duvidosa. Ao ressaltar

⁶ Como no texto *Análise terminável e interminável*, em que James Strachey, na introdução, cita: “O artigo, como um todo, dá impressão de pessimismo quanto à eficácia terapêutica da psicanálise” e demonstra “(...) o ceticismo por ele expresso em relação ao poder profilático da psicanálise” (Freud, S. *Análisis terminable e interminable*, p. 214).

⁷ “A ontogênese é a repetição da filogênese (...) mesma fonte dinâmica para operações do indivíduo e das comunidades” (Freud, *El interés por el psicoanálisis*, p. 187). Em *O mal estar...* Freud inclusive faz alusão a um superego da cultura, similar ao superego do indivíduo (cf. Freud, S. *El mal estar en la cultura*, p. 136).

estes problemas, parece que a aposta na ciência por parte de Freud nunca é total, pois sempre reserva algumas fichas para a constatação da força de Thanatos, que se evidencia com plenitude frente à ausência de alguns impedimentos concretos, como é o caso da guerra - onde o ser humano se mostra de maneira mais “natural”, ou menos inibida. O que se percebe é que “toda vez que a comunidade suprime a condenação (*às inclinações agressivas*) cessam também a sufocação dos maus apetites”.⁸

Apesar de todas as evidências a favor da força das pulsões de morte, Freud ainda prefere apostar na força de Eros, mediante a realização da razão, onde a ciência encontra o posto máximo. Sua postura, neste sentido, permanece com um traço iluminista e positivista, embora não tão ingênua, dada as ressalvas e dúvidas quanto ao futuro do embate entre indivíduo e cultura e entre Eros e Thanatos.

A atitude freudiana de adesão à proposta de desenvolvimento cultural, baseada na ciência e na razão, parece se pautar muito mais em uma impossibilidade de vislumbre de melhores alternativas do que em uma crença – positivista e incondicional – na ciência como instrumento de realização do projeto de felicidade humano. Sua alternativa, embora não forneça garantia alguma de sucesso, encontraria, para ele, mais apoio na realidade que as alternativas anteriores (religião, mito, filosofias transcendentais, etc) na formulação de um projeto de regulação dos vínculos humanos. Ela possuiria a vantagem de ser refutável, pois não decorreria dos mesmos equívocos que os sistemas irrefutáveis baseados em ilusões.⁹ O problema das ilusões é o de que, apesar de exercerem um

⁸ Freud, S. *De guerra y muerte*. *Temas de actualidad*, p. 282.

⁹ É interessante atentar para a defesa que Freud faz da ciência como um conjunto de disciplinas com base sobre o real e que, portanto, são passíveis de refutação. Diferente da religião que, por se apoiar em ilusões derivadas dos desejos, não possui meio de refutabilidade. A crítica freudiana à religião se assemelha, neste ponto em particular, à crítica popperiana à religião se assemelha, neste ponto em particular, à crítica popperiana à psicanálise, pois para Popper, o critério de falseabilidade necessário

papel real de controle pulsional e normatização ética, fazem-no à custa de mecanismos projetivos desvinculados da realidade externa. O desenvolvimento científico, ao contrário, seria lento, porém seguro,¹⁰ sendo o primado da inteligência na cultura obstruído por sistemas como os da religião. O desenvolvimento científico, apesar de não garantir de antemão a realização de um projeto ético, não se basearia nos equívocos da irrefutabilidade religiosa e, neste sentido, teria mais chances de se desenvolver com maior autonomia no manejo da realidade material, sem tanta interferência das moções desejantes. Seu ponto de apoio é a realidade exterior e sua metodologia se basearia no progresso mediante a refutabilidade.

Freud acreditava em um projeto de reforma pulsional¹¹ que conciliasse, na medida do possível, cultura com exigência pulsional. Sobretudo, apostava no projeto de reforma pulsional que não fosse tão prejudicial ao indivíduo: “A conservação da cultura, embora em bases tão precárias, oferece a perspectiva de propender em cada geração nova, enquanto portadora de uma cultura melhor, a uma reforma mais vasta das pulsões”.¹²

para a definição de alguma disciplina como científica não se aplica à psicanálise. Sendo a psicanálise, para Popper, não passível de falsificação, ela é, portanto, uma disciplina não científica. Esta corrente de interpretação da teoria psicanalítica é comum. Wittgenstein (em *Lectures & Conversations on Aesthetic, Psychology and religious Belief*), por exemplo, cita a psicanálise como apenas uma mitologia, e insiste que esta não tem bases empíricas suficientemente fortes para se sustentar como ciência.

¹⁰ “Minhas ilusões não são incorrigíveis como as religiosas, não possuem caráter delirante, sem contar com o fato de que discordar delas não implica em castigo algum (...)” (Freud, *El porvenir de una ilusión*, p. 52).

¹¹ Por reforma pulsional, Freud entende a capacidade de renúncia de algumas tendências pulsionais e conseqüente substituição por outras, como é o caso da sublimação: “Aprende-se a apreciar o ser amado como uma vantagem, uma mudança do qual se pode renunciar a outras” (Freud, *De guerra y muerte. Temas de actualidad*, p. 284).

¹² *Idem*, p. 286.

O projeto ético de Freud, neste sentido, encontra-se ancorado sobre um ideal iluminista de desenvolvimento da razão por meio da ciência. Acredita que a ciência é o melhor caminho para a superação dos dogmas metafísicos e que um projeto de reforma pulsional possa, em alguma medida, ser possível. Sobre este assunto, Philonenko lembra o nome de Freud: “A obra de Freud repousa sobre um postulado clássico que remonta a Descartes. A psicanálise supõe que a *claridade* do pensamento acabará por *reformatar* o querer”.¹³

No texto *Porvir de uma ilusão*, por exemplo, Freud contesta as defesas em favor de sistemas religiosos como meio de garantia da manutenção de sistemas éticos. A religião acaba funcionando por meio de ilusões indemonstráveis e irrefutáveis que substituem o trabalho intelectual mediante repressão. Ela tem a vantagem de poupar o ser humano de alguns desprazeres, mas, por outro lado, somente devido a um procedimento de mistificação da realidade.

A proposta freudiana baseia-se na formulação de um sistema ético laico baseado exclusivamente na regulação das relações humanas, sem qualquer pressuposto teológico. As fases de desenvolvimento cultural, assim, seguiriam o mesmo curso que o desenvolvimento individual: uma primeira, animista, em que predominam a onipotência de pensamentos e o narcisismo; uma religiosa, com a crença em um ser todo poderoso em meio ao desamparo diante das angústias do mundo exterior; e uma científica, baseada na “busca de objetos no mundo exterior, abandono do império do princípio do prazer sob adaptação da realidade”.¹⁴ Porém, a suposta aposta no desenvolvimento da razão e do princípio de realidade é logo relativizada por ele: “(...) outros patrimônios culturais, de que temos uma opinião elevada e pelos quais permitimos que nossas vidas sejam

¹³ Philonenko, A. *Schopenhauer: une philosophie de la tragédie*, p. 231.

¹⁴ Freud, S. *Tótem y tabú - Algunas concordancias en la vida anímica de los salvajes y de los neuróticos*, p. 93.

regidas, não podem ter natureza similar (à da religião, uma ilusão)?”¹⁵.

Novamente a relativização do tom iluminista e a crença apenas parcial no êxito da aposta, logo contrabalançada por uma nova investida no desenvolvimento da ciência. A metodologia utilizada no fazer científico, ao qual tanto se refere, também se aplica neste caso ao desenvolvimento da própria ciência, reforçando o viés positivista, uma vez que “se a experiência ensinar (...) que estamos equivocados renunciaremos a nossas expectativas”.¹⁶

A resposta à pergunta sobre a preponderância do pessimismo em Freud evidencia, mesmo diante de todos os problemas levantados por ele, sua proposta de enfrentamento dos dilemas humanos: constatação das tendências egoístas e eróticas como originárias; alternativas de enfrentamento destas tendências mediante aposta no princípio de realidade; desenvolvimento das disciplinas científicas como meio de explicação dos fenômenos humanos em substituição aos projetos apoiados predominantemente no princípio do prazer. Mesmo cômico dos problemas deste projeto, não poderíamos desconsiderá-lo em nome de um ceticismo pessimista. Pois o intelecto, embora impotente frente à vida pulsional, não descansa até ser ouvido. Resta ao homem conciliar renúncia pulsional com desenvolvimento civilizatório, de modo a obter o equilíbrio entre as duas tendências conflitantes. As palavras de Eagleton cabem perfeitamente em nossa discussão:

(...) rejeitar essa esperança (educação na realidade) como o sonho de um racionalista ingênuo seria fugir à coragem e ao desafio do texto de Freud. Pois nenhum pensador moderno é mais sombriamente cômico da extrema precariedade da razão humana. (...) Contudo, apesar de seu cauteloso ceticismo quanto às pretensões da razão, Freud tem a imaginação de

¹⁵ Freud, S. El porvenir de una ilusión, p. 34.

¹⁶ Idem, p. 52.

se perguntar se a não-razão deve sempre reinar inevitavelmente.¹⁷

Três pontos devem ser ressaltados. O primeiro, uma convicção de que os sistemas metafísicos e teológicos são tentativas de explicação transcendente e apenas mascaram os problemas concretos do indivíduo e da sociedade. Neste sentido, sua aposta é no desenvolvimento das formas genealógicas e concretas de explicação do mundo e de enfrentamento de problemas. O segundo é a aposta no desenvolvimento da razão como superação deste estágio infantil dos sistemas metafísicos e teológicos. O terceiro, a crença no desenvolvimento científico como forma de solucionar ou amenizar os dilemas humanos. Apesar de complementares, trata-se de três apostas diferentes. Embora elas possam se complementar e com frequência o façam, nem sempre caminham lado a lado.

A aposta genealógica

A aposta no desenvolvimento das formas de convívio pautadas na realidade presente e concreta possui alguns inconvenientes. Principalmente porque a maioria dos sistemas metafísicos e teológicos visa compensar algum prejuízo da realidade concreta atual em função de uma aposta no transcendente ou no futuro. Elas se baseiam única e exclusivamente em realizações de desejo, tal como exige o princípio do prazer, e não possuem seu correspondente na realidade: “desconsidera-se suas relações com a realidade, assim como a própria ilusão não dá nenhum valor à verificação”.¹⁸ Possuem a vantagem de suportar piores condições concretas e presentes em nome de alguma recompensa futura ou metafísica. Segue-se que, para que a alternativa “concreta” freudiana fosse viável, seria necessário o desenvolvimento de formas de convívio comunitário que satisfizessem a todos e não postergassem as promessas para o futuro. O es-

¹⁷ Eagleton, T. *Ideologia*: uma introdução, p. 158.

¹⁸ Freud, S. El porvenir de una ilusión, p. 31.

tabelecimento destas condições acarretaria o risco de, se não satisfeitas, resultar em “revoltas perigosas”. Nada mais evidente que, em uma organização social sem consolos transcendentais e teológico, “(...) que deixa um número tão grande de seus participantes insatisfeitos e que os impele à revolta não tem nem merece perspectiva de uma existência duradoura”.¹⁹

Dentro deste panorama, a realidade concreta presente serviria como único sistema métrico para avaliar os ganhos e prejuízos dos sistemas comunitários estabelecidos. Todo o mais serviria apenas como ilusão, crença não apoiada na realidade.

Nesta perspectiva freudiana de ausência de sistemas culturais amparados na aposta no futuro e na transcendência, podemos vislumbrar no mínimo dois desfechos: ou a ausência de sistemas de compensação resultaria na guerra de todos contra todos, convulsões sociais, sistemas totalitários de controle baseados unicamente na repressão; ou então resultaria na utilização de sistemas mais voltados para a satisfação dos indivíduos na realidade concreta, de modo a poder prescindir de teorias de caráter ilusório destinadas à satisfação substitutiva de moções de desejo reprimidas.²⁰ Nem é preciso citar a opção ao qual Freud aposta, haja vista sua proposta de substituição da religião pela ciência. Encarar esta alternativa como pessimista é, no mínimo, estranho, mesmo considerando as ressalvas

¹⁹ Idem, p. 12.

²⁰ Cabe ressaltar aqui que as representações religiosas ganham uma posição de destaque superior às filosóficas porque, além de serem constituídas por moções de desejo reprimidas também o são pelas “substantivas reminiscências históricas” (Idem, p.42). As moções de desejo têm uma base ontogenética, utilizam recursos do indivíduo como apoio. As reminiscências históricas têm base filogenética e histórica, utilizam recursos culturais para se consolidar. As duas se complementam na formação das representações religiosas. Apesar de não afirmar a importância maior concedida às representações religiosas, podemos perceber esta tendência pela recorrência e atenção diferenciada que concede aos dois temas, com predomínio da religião.

que apontam para um possível fracasso da empreitada. Pois continuar com um sistema ilusório de constituição do real, embora tenha sua utilidade em termos de manutenção dos laços comunitários, não é imprescindível, tampouco necessário, acarretando ainda no incômodo de se ter que sustentar preconceitos e práticas que são prejudiciais ao desenvolvimento de relações mais efetivas na busca pelo convívio social. Em uma sociedade madura, em que o estabelecimento dos padrões morais é baseado na realidade concreta das formas de relação presentes entre os homens, a manutenção dos laços comunitários poderia ser constituída sem a vinculação aos dogmas metafísicos e religiosos que são, ao mesmo tempo, responsáveis pela manutenção de preconceitos e crenças: “Isso soa grandioso! Uma humanidade que renunciou a todas as ilusões e assim se tornou capaz de procurar uma vida tolerável sobre a Terra!”.²¹

A aposta racionalista

Se a proposta de sistemas de explicação do mundo baseados na realidade concreta é fortalecida pela ineficácia dos sistemas transcendentais no atendimento às demandas reais e presentes, o mesmo não se pode dizer na aposta em um projeto estritamente racionalista. Pois Freud tem ampla consciência dos limites da razão para a saúde psíquica. Os problemas decorrentes da aposta incondicional na razão já foram levantados desde Kant, em sua filosofia prática, tanto que necessitou de artimanhas, como a recorrência “pela porta dos fundos”²² a conceitos metafísicos. Também já foram enfatizados através de diversos casos clínicos, como, por exemplo, nas manifestações obsessivas compulsivas.²³ Não é por acaso que

²¹ Freud, S. El porvenir de una ilusión, p. 50.

²² Schopenhauer, A. *Sobre o fundamento da moral*, p. 28.

²³ A recorrência ao sistema discursivo racional como forma de eliminação de sintomas obsessivos demonstrou a ineficácia do apelo incondicional à argumentação meramente racional. A metodologia clínica, longe de se

Freud enfatiza: “(...) argumentos de nada valem contra as paixões (...) e mesmo no homem de hoje, motivos puramente racionais pouco podem fazer contra impulsos apaixonados”.²⁴

Mas, se ele estava consciente da precariedade da razão, por que se apoiar nela?

Duas podem ser as razões para tal aposta. A primeira – provavelmente não considerada por Freud devido às limitações que ele mesmo expõe – seria a aposta na retomada de um projeto racionalista que tem a crença da plena autonomia decisória da razão. Neste cenário, haveria uma predominância das categorias lógico racionais sobre as motivações comportamentais. Similarmente à metodologia cartesiana de correção de avaliações errôneas da realidade por meio da progressão sistemática de juízos, de modo que os juízos incorretos fossem eliminados neste percurso. A aceitação dessa metodologia é descartada, pois colocaria em xeque a própria noção de funcionamento do psiquismo como inconsciente, ao deslocar o motor do psiquismo da dinâmica econômica, fisiológica, operada em termos do gradiente prazer/dor, para a exclusividade lógica. O critério que seria responsável pelas “decisões inconscientes” que regem o funcionamento do aparelho não seria mais o prazer/desprazer e sim o logicamente certo/errado. O princípio de não contradição seria o regente deste aparelho, que funcionaria única e exclusivamente

pautar unicamente em um critério racional discursivo, se apóia na transferência, que pressupõe a mesma dinâmica econômica existente na neurose como operante na relação terapêutica. Ou seja, a prática é entendida racionalmente, mas trabalha com conteúdos emotivos. Ademais, estes termos não se excluem, se complementam. Na neurose, o problema não é entendido como um mero distúrbio de pensamento, mas, ao contrário, como um processo em que os conteúdos representativos estão sendo direcionados em função da carga afetiva vinculada ao conteúdo representativo. A representação substitutiva desempenha papel secundário na dinâmica afetiva, uma vez que está longe de ser o elemento desencadeante do sintoma.

²⁴ Freud, S. El porvenir de una ilusión, p. 42.

dentro do processo secundário. O “eu quero” seria substituído pelo “eu penso”. A mudança do princípio de prazer em princípio de realidade, como já vimos, não segue esta lógica. Esta alternativa, portanto, é diretamente criticada na própria postulação dos determinantes inconscientes pela psicanálise.

A segunda razão, menos ingênua que a primeira, se pauta na solução de compromisso entre a consideração dos aspectos pulsionais subjacentes à instalação da razão e a condução dela através da constatação da plasticidade pulsional. Trata-se de realizar o “eu quero” através do “eu penso”. Não há oposição entre os termos, mas complementaridade. Os motivos para aceitar esta opção são suficientemente extensos na psicanálise. Podemos citar, como exemplo, a mudança do princípio de prazer em princípio de realidade e a conseqüente regulação dos vínculos humanos através da educação para a realidade. A educação para a realidade não implica na desconsideração das demandas internas, e sim sua adequada condução.

Um bom exemplo da postura freudiana também pode ser verificado nos textos tardios, tidos como pessimistas, como *Análise terminável e interminável*. Apesar de questionar a efetividade dos métodos terapêuticos e até mesmo a possibilidade de algum êxito no processo como um todo, ele ainda aposta no desenvolvimento de meios de tratamento:

Nosso objetivo não será dissipar todas as peculiaridades do caráter humano (...) nem tampouco exigir que a pessoa (...) não sinta paixões nem desenvolva conflitos internos. A missão da análise é garantir as melhores condições psicológicas possíveis para as funções do ego; com isso, ela se desincumbiu de sua tarefa.²⁵

Podemos ver nesta passagem indícios da postura freudiana: constatação da impossibilidade de resolução de todos conflitos in-

²⁵ Freud, S. Análisis terminable e interminable, p. 251.

ternos, mas tentativa da melhoria das condições psicológicas passíveis de transformação.

Mesmo diante da impressão de pessimismo relatada por Strachey,²⁶ ainda não se pode falar estritamente em pessimismo, pelo menos não daquele que conduz a um encerramento do assunto, dada a impossibilidade admitida de qualquer esperança ou procura de alternativas de enfrentamento. Freud não abandona ou recusa sua empreitada, apenas aponta para as dificuldades de sua realização, como uma espécie de alerta aos desavisados. Sua procura por alternativas de tratamento dos distúrbios e sua constante discussão acerca dos problemas humanos são a maior evidência de uma postura de comprometimento ético. O comprometimento social, embora não seja acrescido de uma aposta incondicional nos poderes da razão, possui a vantagem de não optar pelo extremo oposto, em um movimento de banalização dos benefícios possibilitados pelo desenvolvimento cultural. O projeto freudiano, longe de se basear incontestavelmente no projeto racionalista, não comete o equívoco de recusá-lo como algo indesejável. Se assim o fizesse, recairia no erro que muitos cometem:

Desde o começo, quando a vida nos acolhe em seu rigoroso julgo, nasce em nós uma resistência à implacabilidade e monotonia das leis do pensamento e aos requisitos do exame de realidade. A razão passa a ser inimiga que nos recusa tantas possibilidades de conseguir prazer. Descobre-se o prazer que gera subtrair-se dela, ao menos temporariamente, e entregar-se às seduções do sem sentido.²⁷

A aposta Iluminista-positivista

Nossa citação anterior, sobre os “progressos técnicos” e o desenvolvimento da razão, nos conduz ao terceiro ponto, qual seja,

²⁶ Idem, p. 214.

²⁷ Freud, S. Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis, p. 31.

a aposta freudiana no desenvolvimento científico para a promoção de uma condução mais adequada de nossa economia de felicidade. Uma postura muitas vezes tida como iluminista. Não é sem motivos que Freud recebe carta de Pfister: “Sua religião substituta é em essência o pensamento iluminista do século XVIII numa nova roupagem, orgulhosa e moderna”.²⁸ Roudinesco afirma que a própria idéia de que haja algo para fazer diante de um cenário tenebroso da humanidade “já situa a psicanálise como herdeira do romantismo, filiada ao iluminismo e a Kant”.²⁹ Contra o tom enfático da afirmação de Roudinesco, é sempre bom não esquecer ressalvas freudianas: “(resta saber, contudo) se, e em qual medida, o desenvolvimento cultural dominará a perturbação proveniente da pulsão de agressão e auto aniquilamento”.³⁰

Como na defesa do racionalismo e da realidade concreta, Freud parece também assumir a mesma postura de cautela na defesa do progresso técnico³¹. Em *O mal estar...*, segue a mesma linha cuidadosa de raciocínio: levantamento do problema, constatação dos limites da possível solução, aceitação dos limites e procura das alternativas de enfrentamento:

Esta comprovação (a subjugação das forças da natureza não aumentou a quantidade de satisfação prazerosa), deveria inferir, simplesmente, que o poder sobre a natureza não é a única condição da felicidade humana, como tampouco a única meta dos afãs de cultura e não extrair a conclusão de que os

²⁸ Rouanet, S. P. Mal estar na modernidade, p. 13.

²⁹ In Kehl, M. Sobre ética e psicanálise, p. 34.

³⁰ Freud, S. El malestar em la cultura, p. 140.

³¹ Embora acreditemos que o texto *Futuro de uma ilusão* se baseie em argumentações tipicamente iluministas, onde a cautela freudiana é imperceptível. Freud, durante todo o texto, enaltece excessivamente o desenvolvimento científico.

progressos técnicos tenham valor nulo para a economia nossa felicidade.³²

Rouanet também parece não enquadrar Freud em um iluminismo restrito:

Defendeu o modelo civilizatório das Luzes com plena consciência de tudo que conspirava contra sua realização. Rejeitou o otimismo da Ilustração, admitindo a hipótese de um fracasso em toda linha dos seus ideais, sem cair com isso em um pessimismo sistemático. Em suma, foi cético, sem ser niilista”, sendo a psicanálise a “consciência infeliz do Iluminismo. (...) Através de seus mestres de juventude, como Ernst Brücke e Theodor Meynert, ele absorveu plenamente a vertente materialista das Luzes, representada por La Mettrie e Diderot.³³

É pela aposta no racional, sem abrir mão das influências inconscientes, pela crença no poder transformador (embora parcial) da ciência e pela proposta de atuação concreta no mundo que Freud nos indica a aposta na racionalidade. A divergência de tons assumida em seus diversos textos não revela contradições, mas, pelo contrário, indica a sobriedade no enfrentamento de problemas de difícil condução. O apontamento simultâneo de argumentos e objeções faz parte do recurso estilístico de antecipação de possíveis objeções através da análise de contra-argumentos, contribuindo para uma melhor compreensão do assunto. Além da contribuição estilística, nota-se também uma preocupação temática que contribui para algumas interpretações equivocadas. Como exemplo, citamos dois textos que possuem proximidade temporal e aparente distanciamento de postura. Em *Futuro de uma ilusão*, Freud adota uma postura predominantemente otimista, uma crença no poder transformador da ciência, e em *O Mal estar na cultura* o tom do discurso se inverte. Neste sentido, é curioso notar a nítida diferença dos enunciados, muito mais cautelosos sobre o progresso material e cientifi-

³² Freud, S. El malestar en la cultura, p. 87.

³³ Rouanet, S. P. Mal estar na modernidade, p. 13.

co no texto *O Mal estar...*. O contraste revela muito mais a preocupação freudiana em analisar o tema da religião (em oposição à ciência) em um texto e o tema da agressividade em outro do que uma aparente mudança de postura³⁴.

Para finalizar, ficamos com a conclusão do texto *O Mal estar...*, que fala por si:

Não tenho coragem de me erguer diante de meus semelhantes como um profeta, e me submeto a suas recriminações de que não sei apresentar-lhes nenhum conselho – pois é isso que no fundo pedem todos, o revolucionário mais fervoroso com não menos paixão que o mais cabal beato. (...) Agora só nos resta esperar que o outro dos “poderes celestiais” o eterno Eros, desdobre suas forças para se afirmar na luta com seu adversário igualmente imortal. Mas quem pode prever o desenlace?³⁵

³⁴ Sobre a diferença da postura assumida pelos dois textos, o artigo de Deigh (1991, p. 287) faz algumas considerações importantes.

³⁵ Freud, El malestar en la cultura, p. 140.

Bibliografia

DEIGH, J. Freud's later theory of civilization: Changes and implications. In: NEU, J. (ed.). *The Cambridge Companion to Freud*. Cambridge University press, 1991. cap. 12, p. 287-308.

EAGLETON, T. *Ideologia: uma introdução*. Tradução: Silvana Vieira e Luis Carlos Borges. São Paulo: (UNESP) Boitempo, 1997, 204 p.

FREUD, S. (1909-1939). *Correspondance avec le pasteur Pfister 1909-1939*. Paris: Ed. Gallimard, 1966, 209 p.

_____. (1913a). Tótem y tabú - Algunas concordancias en la vida anímica de los salvajes y de los neuróticos. In: FREUD, S. *Sigmund Freud: Obras completas*, vol. XIII. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1988, p. 1-164.

_____. (1913b). El interés por el psicoanálisis. In: FREUD, S. *Sigmund Freud: Obras completas*, vol. XIII. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1988. p. 165-192.

_____. (1915). De guerra y muerte. Temas de actualidad. In: FREUD, S. *Sigmund Freud: Obras completas*, vol. XIV. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1988, p. 273-303.

_____. (1927). El porvenir de una ilusión. In: FREUD, S. *Sigmund Freud: Obras completas*, vol. XXI. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1988, p. 01-55.

_____. (1930). El malestar em la cultura. In: FREUD, S. *Sigmund Freud: Obras completas*, vol. XXI. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1989, p.57-140.

_____. (1933). Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis. In: FREUD, S. *Sigmund Freud: Obras completas*, vol. XXII. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1988, p. 01-68.

_____. (1937). Análisis terminable e interminable. In: FREUD, S. *Sigmund Freud: Obras completas*, vol. XXIII. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1988, p. 211-54.

KEHL, M. Sobre ética e psicanálise. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

PHILONENKO, A. *Schopenhauer: une philosophie de la tragédie*. Paris: Vrin, 1980.

ROUANET, S.P. Mal estar na modernidade. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 31(1): 9-30, 1997.

SCHOPENHAUER, A. *Sobre o fundamento da moral*. Tradução: Maria Lúcia Mello Oliveira Cacciola. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WITTGENSTEIN, L. *Lectures & Conversations on Aesthetic, Psychology and religious Belief*. Oxford: Basil Blackwell, 1966.